



*MÓNICA SANTANA BAPTISTA:* Pensamos muito em termos de civilização ocidental. O nosso imaginário é sempre um imaginário de separação e conveniência daquilo que nos enforma. O que pode a literatura ainda hoje fazer para unir culturas, crenças, imaginários e seres humanos entre si e na sua relação com a natureza?

*ALBERTO MANGUEL:* Somos uma espécie narrativa, e tornamo-nos conscientes de nós mesmos e do mundo à nossa volta através de histórias. Não apenas no mundo ocidental, claro, mas em todo o lado onde estabelecemos uma sociedade. As histórias dão-nos a possibilidade de compreender a nossa relação com o mundo, e conseguem oferecer soluções imaginativas para os nossos problemas. Mas isso é tudo o que elas podem fazer: oferecer a possibilidade. É nossa a responsabilidade e a decisão de agir sobre a oferta.

[We are a narrative species and we become conscious of ourselves and of the world around us through stories. Not only in the Western world of course, but everywhere where we have established a society. Stories give us the possibility of understanding our relationship to the world and can offer imaginative solutions to our problems. But that is all they can do: offer the possibility. Ours is the responsibility and the decision to act on the offer.]<sup>1</sup>

*MSB:* O mito do “eterno retorno” parece estrutural na sociedade. O regresso dos movimentos fascistas são um exemplo, as desigualdades económicas e sociais que na verdade nunca deixaram de existir. Por que é que os sentidos de comunhão e igualdade e liberdade não prevalecem? É como se a Revolução Francesa hoje não passasse de um mito?

*AM:* A Revolução Francesa é um mito: podemos lê-la do ponto de vista do Iluminismo ou do Terror. Mais útil é a teoria de Vico<sup>2</sup> de uma história cíclica em espiral: “Os humanos primeiro sentiram necessidade, depois

---

<sup>1</sup> Respostas originais em inglês transcritas abaixo da tradução, realizada pela entrevistadora.

<sup>2</sup> Manguel refere-se a Giambattista Vico (1668-1744), filósofo, retórico, historiador e jurista italiano durante o período Iluminista. Crítico do desenvolvimento do racionalismo moderno, apologista da Antiguidade Clássica e das humanidades renascentistas, Vico foi pioneiro na abordagem dos fundamentos da Semiótica e das Ciências Sociais. É, por isso, considerado como um dos primeiros contra-Iluministas da História.

procuram pela utilidade, a seguir, alcançam o conforto, mais tarde divertem-se com o prazer, então crescem dissolutos na luxúria, e finalmente enlouquecem e perdem a sua substância.” É o que estamos a fazer. A não ser que aprendamos a usar a nossa experiência prévia, esquecemos e enlouquecemos.

[The French Revolution is a myth: you can read it from the point of view of the Enlightenment or the Terror. More useful is Vico’s theory of a spiraling cyclical history: “Humans first felt necessity, then look for utility, next attend to comfort, still later amuse themselves with pleasure, thence grow dissolute in luxury, and finally go mad and waste their substance.” That’s what we are doing. Unless we learn to use our previous experience, we forget and go mad.]

*MSB:* A arte tem tentado romper com isso, mas por vezes parece que os seus movimentos artísticos se tornam entrópicos, no sentido em que escritores, realizadores e outros artistas fazem aquilo que lhes é “pedido” deixando de lado uma ideia de vanguarda, de rompimento com o status quo, e o lugar de grandes “perguntadores” da sociedade. Como vê esta dinâmica hoje a acontecer entre uma certa aceitação desses retornos e o papel da arte, da literatura e dos seus autores e criadores?

*AM:* Nunca existiu um papel “verdadeiro” para os artistas e criadores. Cada artista tem de encontrar o seu propósito, a sua arte. Então, a sociedade identifica-o e rotula-o, mas o artista não está sob obrigação de aceitar o rótulo. Cocteau dizia: “Sou uma mentira que diz a verdade” E mesmo isso não é certo. Às vezes, o artista tem de esperar várias gerações para ser ouvido. Às vezes, isso nunca acontece. O artista é frequentemente uma Cassandra.

[There never was a “true” role for artists and creators. Every artist has to find his or her purpose, his or her craft. Then society identifies it and labels it, but the artist is under no obligation to accept the label. Cocteau said: “I am a lie that tells the truth.” And even that is not certain. Sometimes the artist has to wait several generations to be heard. Sometimes that never happens. The artist is often a Cassandra.]

*MSB:* O mito do Adamastor foi fixado por Camões em *Os Lusíadas*: o monstro que teve de ser enfrentado pelos portugueses, para prosseguir

pelo desconhecido. “Quem passar para além do Bojador, passará além da dor”, escreveu Camões. Hoje passamos além da dor desse medo pelo futuro e pelas incertezas? Ou ficamos pelo contentamento do banal, dos dias e dos dados da vida já adquiridos? Refiro-me àquilo que tem sentido dos portugueses, mas também àquilo que é hoje o homem contemporâneo da era da internet, das aplicações, das redes sociais e de uma inteligência artificial cada vez mais sofisticada.

*AM:* Todos os dias e em todas as épocas, a raça humana tem enfrentado problemas e desafios diferentes, muitos são os mesmos sob configurações diferentes. Os desafios apresentados pelas novas tecnologias são sempre difíceis, quer seja a passagem da linguagem oral para a linguagem escrita, ou da barra de argila para o rolo de papiro. A nossa tecnologia electrónica parece mais ameaçadora, mas, em última análise, exige de nós as mesmas escolhas e responsabilidades. Gostaríamos de acreditar na Inteligência Artificial, tal como o touro farnesiano foi pensado para rugir ou o autómato do século XVIII foi pensado para agir através de uma vontade própria. Sonhamos em ser criadores de vida e imitar o Deus das nossas fábulas, de Frankenstein a Gepetto. O povo português não é diferente neste sentido, e todos enfrentamos o desafio dos nossos próprios criadores, quer lhe chamemos I.A. (Inteligência Artificial) ou Adamastor.

[Every day in every age, humanity has confronted different problems and challenges, many the same under different guises. The challenges presented by new technologies are always difficult, whether it is the passage from the oral to the written language, or the clay tablet to the papyrus scroll. Our electronic technology seems more threatening but ultimately is demands from us the same choices and responsibilities. We'd like to believe in artificial intelligence, just like the Farnesian bull was thought to roar or the automate of the eighteenth century were thought to act through a will of their own. We dream of being the creators of life and imitate the God of our fables, from Dr Frankenstein to Gepetto. The Portuguese people are not different in this sense, and we all face the challenge of our own creations, whether we call it AI or Adamastor.]

*MSB:* Sendo uma pessoa de outro país que vive há três anos entre nós tem outro olhar sobre Portugal, e mesmo sobre Lisboa. Para si, quais os mitos que envolvem e formam o povo lusitano? E quais os mitos da identidade

portuguesa que não são tão claros, directos e óbvios de discernir – sobretudo para um português (ou mesmo alfacinha)?

AM: Essa é uma questão impossível porque apenas conseguimos adivinhar que mitos estão vivos no nosso tempo: pela sua natureza, pertencem ao passado. Pode ser que os portugueses acreditem num mito que tenha que ver com um sentido medieval de honra e dever, temperado com um sentimento de lassidão do século XXI. Talvez uma combinação de uma ética fidalga e do norte de África, como o (*Livro da*) *Virtuosa Benfeitoria*<sup>3</sup>, do Infante Dom Pedro.

[That’s an impossible question because we can only guess what myths could be alive in our time: myths, by their nature, belong to the past. It may be that the Portuguese believe in a myth that has something to do with a medieval sense of honor and duty, tempered by a twenty-first century feeling of lassitude. Maybe a combination of hidalgo and North African ethics, like the *Virtuosa Benfeitoria* by the Infante D. Pedro.]

MSB: Se pudesse escolher uma personagem da literatura portuguesa qual escolheria? Ou se tivesse de levar consigo (para a tal ilha, para “outro mundo”) uma obra literária portuguesa qual levaria?

AM: Talvez a personagem literária fosse o pobre Teodoro, em “*O Mandarin*”, de Eça de Queiroz, tão ineficaz. E o livro que levaria comigo seria a “*Antologia da Poesia Trovadoresca Galego-Portuguesa*”, de Alexandre Pinheiro Torres.

[Maybe the literary character would be poor Teodoro in *O Mandarin* by Eça de Queiroz, so ineffectual. And the book I’d take with me might be the *Antologia da Poesia Trovadoresca Galego-Portuguesa* by Alexandre Pinheiro Torres.]

---

<sup>3</sup> O *Livro da virtuosa benfeitoria*, obra fundamental da cultura, literatura e língua portuguesas do século XV, é um trabalho de vasta erudição, desenvolvido com base num amplo conhecimento dos textos bíblicos e de autores clássicos e medievais, enquadrado por uma importante reflexão autónoma. Trata-se ainda de uma obra literária pela sua concepção e expressão formal, distinguindo-se como marco linguístico, uma vez que surgiu numa fase crucial do enriquecimento vocabular da língua portuguesa. O *Livro da virtuosa benfeitoria* é também consequência de uma corte em que toda a vida social era orientada por princípios morais, religiosos e disciplinares muito rígidos, por tal podendo ser definido no seu conteúdo de várias maneiras, conforme o que cada um lê nele de maior interesse

MSB: Onde começa o mito e onde termina a História? Onde começa a História e termina o mito?

AM: Depende daquilo a que chamamos história. Se história é o que dizemos que aconteceu, e história (como Cervantes propôs) é a mãe da verdade, então um mito é o que seleccionamos do que dizemos que aconteceu, por mais impossível e pesadélico que seja, para nós identifica um momento ou personagem essenciais. “Para o filósofo”, diz Paul Veyne, “mito era uma alegoria de verdades filosóficas. Para os historiadores, era uma deformação menor das verdades históricas.”

[Depends on what you call history. If history is what we say happened, and history (as Cervantes proposed) is the mother of truth, then a myth is what we select from what we say happened, however impossible or nightmarish, that identifies for us an essential moment or character. “For the philosopher,” says the historian Paul Veyne, “myth was an allegory of philosophical truths. For the historians, it was a minor deformation of historical truths.”]


MSB: Se é possível nomear, que livro me recomendaria como aquele que melhor capta a essência da Argentina?

AM: “*Santa Evita*”, de Tomás Eloy Martínez; O tango “*Cambalche*”, que devia ser escolhido como o Hino Nacional da Argentina.

[*Santa Evita* by Tomás Eloy Martínez; The tango *Cambalche* which should be chosen as Argentina’s national anthem.]

Recebido em 28 de fevereiro de 2023

Aprovado em 16 de agosto de 2023

Licença: 

Mónica Santana Baptista

Docente de Cinema, nas áreas de Narrativas, Argumento e Guionismo. Professora da Licenciatura e Mestrado, no Departamento de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema. Doutora em Artes (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa).

Contato: [monica.santana.baptista@gmail.com](mailto:monica.santana.baptista@gmail.com)